

A missão de Sarney

Josué Montello *

Depois de amanhã, por entre as aleluias naturais do novo governo, o presidente José Sarney, meu amigo, meu fraterno amigo, meu admirado amigo, estará passando a faixa presidencial ao seu sucessor. Dignamente. Altivamente. Com a consciência de ter dado ao exercício do cargo o melhor de si mesmo, com a sua consciência de cidadão e de brasileiro.

Conheço bem o meu Sarney. Sei que ele, ao passar a faixa presidencial ao presidente Collor, se desfará dos derradeiros resquícios de amargura que o cargo lhe possa ter dado, quer na subida, quer na descida da encosta. Não será um estivador de amarguras. Não, não será. Mas um patricio reconhecido ao destino que lhe deu a mais difícil das missões.

Ainda estou vendo Sarney, no seu primeiro dia de presidente da República, quando fui ao seu encontro, no Palácio do Planalto. Ele próprio fechou a porta do gabinete. E à minha frente, ainda perplexo: "Você viu o que me aconteceu?"

Sim, eu tinha visto tudo. Principalmente aquele estranho mistério do momento em que Tancredo Neves, meu amigo, nosso amigo, já pronto para o ato da posse, começou na Igreja de Dom Bosco, em Brasília, o seu caminho para a Eternidade. Tudo rápido e imprevisto, como se um conjunto invisível de forças estranhas subitamente se conjugasse diante de nossos olhos para impor à vida um novo designio.

De fato, eu havia testemunhado tudo. Para dar razão a Shakespeare, pela boca de Hamlet, quando este observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia.

Ao contrário da-quele personagem machadiano que, se despertasse Imperador, só se espantaria da demora do Ministério em vir cumprimentá-lo, Sarney estava perplexo. Segurou-me pelos ombros, olhando-me de frente, com a consciência da responsabilidade que assumia: "E agora?"

Mas não foi preciso dizer-lhe o que fizesse. Mais tarde, vi-o caminhar firme, por entre as alas de soldados em posição de sentido, enquanto vibrava a corneta em tom de comando e a bandeira nacional tremulava no seu mastro, ao sol da tarde.

Eramos apenas três testemunhando a cena: D. Kiola, minha mulher e eu. Como se obedecêssemos também ao toque da corneta, prendemos a respiração por um momento. Um momento apenas. D. Kiola amparou-se no braço de minha mulher, com os olhos molhados, e conseguiu dizer-lhe: "Meu Deus, é mesmo meu filho!"

O presidente Sarney entrou no carro, a corneta ainda vibrou, a guarda de honra se desfez, e o dia continuou o seu ofício, com muita luz em volta, pássaros cantando, o tempo a fluir, enquanto Tancredo Neves continuava a sua provação misteriosa.

Nesse momento, já o Destino prosseguia no seu papel de regente, de batuta em punho, o palco esplendidamente iluminado, e era ele que retirava personagens, punha personagens, altera-va os compassos da música, sem qualquer hiato na grande cena que continuava.

O presidente Sarney, depois de tantas noites indormidas, depois de tanta luta, depois de tanta obstinação em cumprir o seu dever, está vivendo agora o papel do grande artista que, no ponto mais alto de sua carreira gloriosa, responde ao amigo que lhe pergunta o que é que pensa fazer longe do palco: que "Vou repassar os meus papéis."

Parodiando Tolstói, no começo de *Ana Karenina*, poderíamos dizer que todo começo de governo se parece, mas que todo fim de governo tem a sua feição particular. Entretanto, no governo do presidente Sarney, não foi bem assim quanto ao começo e não será bem assim, estou certo, quanto ao seu fecho.

Lembro-me bem de que, ao fim do

governo do presidente Kubitschek, perguntei a este querido amigo o que pretendia fazer, quando deixasse a Presidência da República.

E Juscelino, com rapidez, sentando e levantando: "Fazer tudo para não morrer de tédio."

Depois, em Paris, ao vê-lo angustiado, sem saber o que fazer de si mesmo, tanto fiz que lhe pus na mão a caneta com que começou a escrever suas memórias. Essa vereda nova, devolvendo Juscelino a Juscelino, ajudou-o a suportar a provação em que se debatia.

O presidente Sarney já sabe em que se ocupar. No discurso com que Machado de Assis, a 1º de maio de 1897, deu começo ao monumento de José de Alencar, no Rio de Janeiro, teve oportunidade de proferir estas palavras, definindo no escritor o distanciamento da política: "As letras são boas amigas; não lhe fizeram esquecer inteiramente as amarguras, é certo: senti-lhe a alma enojada e abatida. Mas a arte, que é a liberdade, era a força medicatriz de seu espírito."

Tirem da frase machadiana as amarguras, deem as letras o valor de um refúgio, e aí terão os novos dias de José Sarney, ou no Maranhão, ou no Rio, ou em Brasília, voltado para o seu verso e a sua prosa, sem de todo ter dito o seu adeus à política, visto que está igualmente na essência de sua natureza.

A conciliação da política e das letras vai ser, no seu caso, o livro de memórias. Ouvi alguns de seus capítulos, uma noite, em Brasília. Sei que vou ouvir outros, em São Luís, a partir de sexta-feira. Sarney, mais do que o personagem de seu destino, é o seu espectador — reconhecido à bondade suprema que subitamente lhe deu a mais difícil das missões, com a responsabilidade de realizar, sem uma

falha, conscientemente, a engenharia política que levaria o país à plenitude democrática, à revelia de todas as vicissitudes no plano econômico.

Ei-lo agora a um passo do novo caminho. As letras o aguardam, para honrá-las. A pintura o espreita com a tinta nova nos seus pincéis. E de longe, dando tempo ao tempo, a política se mantém vigilante, para recolher a experiência de seus conselhos.

Não esquecerei jamais o momento em que ele e eu, no Palácio da Alvorada, repassávamos acontecimentos recentes que lhe desafiavam a paciência, o cuidado e a firmeza do comando:

E Sarney, com firmeza: "Eu tenho tido a coragem de minhas hesitações."

O que, por vezes, aqui fora, parecia temor, excesso de cuidado, protelação demasiada, nada mais era, no homem de Estado; do que a cautela do nauta que só tem a responsabilidade de fazer o barco chegar ao seu destino.

E ele aí está, com a bandeira e os galhardetes no mastro, já deixando ouvir o ruído da âncora que o firmará em porto seguro.

Quem quiser saber o quanto custou ao presidente José Sarney o duro combate da travessia, por entre ondas gigantes e rajadas sibilantes, bastará comparar pelos retratos o Sarney de ontem e o Sarney de hoje. Os cabelos grisalhos, que ele não tinha e hoje tem, guardam a memória de suas vigílias.

Convém que eu deixe aqui uma palavra sobre a minha amiga Marly. Vi-a menina, nos braços de seu pai, meu médico e meu amigo. Vejo-a deixar agora a sua condição de primeira-dama e desta também me orgulho, como testemunha presencial. Fez o papel que dela eu esperava. Altiava. Superior. À altura da representação que lhe tocava. Sem uma falha. Sem uma hesitação. Estou a vê-la, agora, restituída à casa do Calhau, em São Luís, dizendo ao marido: "José, está na hora da literatura."

A mesa limpa espera por ele. Em redor, a biblioteca. Com os livros em seus lugares. Perfilados, como a guarda de honra no Palácio da Alvorada. Para o resto da vida.

* *Jornalista, escritor, membro da Academia Brasileira de Letras.*

*"Depois de tanta luta,
o presidente Sarney
está vivendo agora
o papel
do grande artista,
no ponto mais alto
de sua carreira
gloriosa"*